

Europe - Nazareth
Bible College
Library

JESUS CRISTO:
"Aquele que beber da água que eu lhe der
nunca mais terá sede"

(João 4:14).

O ARAUTO da SANTIDADE

FEVEREIRO, 1992



GERÊNCIA POR PARTICIPAÇÃO



A ciência de administração está sendo hoje explorada em muitos círculos. Entre os livros recentes mais procurados contam-se vários volumes que tratam deste assunto. Quase todos nós somos afectados de uma forma ou doutra pelas técnicas modernas de administração. Até as operações e a estrutura da igreja são influenciadas por tais tendências.

O tema "Gerência por Participação" anda ligado a tudo isto. O mundo ocidental observa o Japão como um modelo. O resultado tem produzido mudanças revolucionárias no estilo administrativo. A apoiar as mudanças há relatórios de aumento de produtividade e de lucros.

A chave para o êxito na "Gerência por Participação" encontra-se na boa vontade dos líderes em delegar a outros tarefas importantes. Observa-se que uma das maiores dificuldades dos chefes é "ceder".

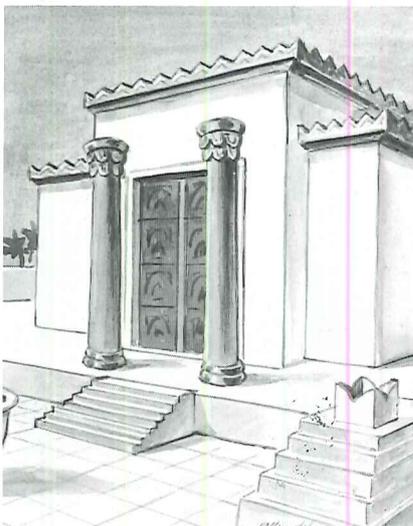
Sem comentar detalhadamente os méritos do que acabamos de expor, basta dizer que o conceito não é novo. Deus emprega-o desde que começou a implementar o Seu plano para remir o mundo. Concretiza-se na delegação de serviço recomendada a Moisés por Jetro, seu sogro. Outro exemplo é a distribuição de tarefas pela tribo de Levi na adoração a Deus no tabernáculo. Ainda outro é a designação de serviço na construção do Templo, de acordo com a habilidade e a experiência de cada artífice.

No Novo Testamento Jesus enviou 70 no Seu nome para ministrarem como Seus representantes. Outras pessoas se reuniram aos discípulos formando um grupo de 120 para anunciarem as "boas novas" na cidade de Jerusalém. A adição de gentios às suas fileiras possibilitou um sistema de envio "até aos confins da terra".

Ao longo dos anos o conceito retrocedeu quando sacerdotes, religiosos e diáconos eram os únicos em quem se depositava confiança espiritual. Mas depois veio a Reforma e novamente foi reconhecido o sacerdócio universal dos crentes — uma explicação simples e bíblica da "Gerência por Participação".

E resultou! Pastores descobriram que existem inúmeros benefícios num envolvimento total da congregação para alcançar outros. Missionários têm verificado que nacionais treinados e inspirados são habitualmente mais efectivos do que eles em alcançar multidões. Os líderes da igreja dizem que todas as pessoas são importantes para a edificação do Reino de Cristo.

A administração incorporada tem aprendido que a participação traz a sua própria recompensa, pois gera o sentido de realização e gosto pelo trabalho. Do mesmo modo, fiéis estão descobrindo novamente a alegria de testificar e ganhar almas. A participação total é o segredo da evangelização total. Que cada um de nós seja uma parte do plano de Deus para a redenção do mundo. O Seu plano funcionará. □
—JERALD D. JOHNSON
Superintendente Geral



O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XXI — Número 2

Fevereiro, 1992

NESTE NÚMERO

GERÊNCIA POR PARTICIPAÇÃO	2
<i>Gerald D. Johnson, Super. geral</i>	
“PARA QUE NADA SE PERCA”	4
<i>Jorge de Barros</i>	
JORNADAS DE COMPAIXÃO	5
<i>Antônio N. Leite</i>	
QUE FAZER COM O QUE TEMOS?	6
<i>J. Kenneth Grider</i>	
MORDOMIA: TUDO OU NADA	8
<i>Gary A. Henecke</i>	
ÁLBUM DAS IGREJAS—CAIÇARA (BRASIL)	10
<i>A. Leite</i>	
CÉSAR E DEUS	11
<i>Eudo T. de Almeida</i>	
“GENEROSIDADE PARA COM DEUS TRAZ GENEROSIDADE DE DEUS”	12
<i>Jim Diehi</i>	
CAMINHO DA FÉ	14
<i>L. A. Valvassoura</i>	
ÁFRICA (P. Missionária)	16
<i>Johan de Jager</i>	
MEU TESTEMUNHO	18
<i>Keith Irey</i>	
“A ESPERANÇA NÃO TRAZ CONFUSÃO”	20
<i>Rebeca Laird</i>	
OBRIGADO, SENHOR	21
<i>Ross W. Hayslip</i>	
A GRAÇA DE DEUS É MARAVILHOSA	22
<i>Marshall G. Griffith</i>	
PRECE	22
<i>Antônio M. Gonçalves</i>	
RENOVAÇÃO INTERIOR	23
<i>Acácio Pereira</i>	
O TESTE DA ABUNDÂNCIA (P. Devocional)	24
<i>John H. Jowett</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS	25
ALABASTRO	26
<i>Esther Reynolds</i>	
O CAMPO É O MUNDO	27

FOTOS: Capa — J. Barros; p.2,3 — Providence Litho;
p.11 — E. Carlin; p.14,15 — J.C. Lejeune; p.16,17 — J. Phillips; p.18,19 — A. Cliburn

BENNETT DUDNEY, Director Geral

JORGE M.S. BARROS, Coordenador Internacional

MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial

ACÁCIO PEREIRA, Redactor

ROLAND MILLER, Artista

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por **Publicações Internacionais** e impresso pela **Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, EUA**. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a **Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, EUA**. Direitos reservados (1992) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, EUA.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by **Publications International**, printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109**. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to **Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131**. Copyright (1992) by Nazarene Publishing House. *Postmaster*: Please send change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO.64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, USA.

O plutônio, usado em armas nucleares, só se torna inócuo ao fim de 500.000 anos. Em escala menos dramática, mas igualmente destrutiva, acha-se uma lista de substâncias tóxicas capazes de envenenar a terra por largos séculos. Até produtos domésticos usados como insecticidas ou mesmo fertilizantes podem causar estragos que se estendem a várias gerações.

Cidades em que o ar poluído sufoca, rios fétidos, florestas delapidadas e até mares contaminados ou saqueados e quase sem peixes, alertam a consciência do cristão sobre a mordomia do meio ambiente.

No primeiro capítulo de Génesis, Deus conferiu ao

da moeda perdidos. Não há lixeiras no Seu reino: os lírios do campo são vestidos de esplendor e as aves do céu, alimentadas, voam em atmosfera límpida. Ele é o Deus dos detalhes, que conta até fios de cabelo e não tolera a queda anónima duma avezinha. (Mat. 10:29 e 30). Que dirá Ele então da chacina da fauna em nome do desporto, da moda ou por ganância industrial?

O problema da fome é muitas vezes um sub-produto da distribuição. Mas é ainda, por certo, resultante de esbanjamento de recursos. No cenário do milagre da multiplicação de pães há um pormenor importante: findo o processo de alimentar 5.000

famintos, o lugar fica coalhado de restos; Jesus ordena a recolha de pedaços," para que nada se perca" (João 6:1-14). "Encheram-se doze cestos", informa-nos a Bíblia. Quantos celeiros encheríamos hoje se contivéssemos o apodrecimento de víveres negligenciados nos campos, amontoados nas chancelarias políticas ou à espera de transporte e distribuição em áreas carentes?

"Para que nada se perca" é mais que *slogan* promotor de esforços de conservação e reciclagem. Contém a base da

nossa própria sobrevivência, enquanto também reflecte o grau de apreço por valores recebidos de Deus.

No passado, apelos por mordomia sã do meio ambiente realçavam uma herança a legar a filhos e netos. Hoje a coisa atingiu estágio crítico: somos nós mesmos os ameaçados, não uma geração anónima em futuro distante.

Certo turista ficou indignado com a velhota que lhe devolveu, com estas palavras, o papel que ele jogara ao chão: "Por favor, não suje a nossa cidade." A Terra já foi chamada de "a ilha no espaço", designação sugestiva de isolamento e vulnerabilidade de recursos. Seja qual for o nome que lhe dermos, é nossa casa, nossa cidade, o lugar onde respiramos e vivemos. A mordomia do crente tem de incluir o planeta que Deus criou, abasteceu e embelezou para nos acomodar ao longo de anos. O Cristo que recolheu pedaços de pão ainda zela pela integridade do mundo a cuja criação assistiu, "para que nada se perca". □

—JORGE DE BARROS

“PARA QUE NADA SE PERCA”

homem soberania quanto à natureza: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra" (1:26). O estado do planeta revela hoje que temos fracassado no desempenho da missão conferida. Parece que interpretámos o privilégio de dominar (equivalente a "ser senhor") como licença de *exaurir*, *alterar* ou *poluir* irresponsável e inconsequentemente. Mas o domínio permitido sujeita-se à primeira parte do verso bíblico: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". A imagem de Deus vem sempre associada à criação e preservação do belo, do puro e do agradável. Ele é o vinhateiro que só corta e poda para que a planta dê mais fruto (João 15:2). Ele advoga o caso da figueira estéril, rogando para ela mais um ano de vida e prometendo cuidados extras que a venham a reabilitar (Lucas 13:8). É o próprio Jesus Cristo que incita à busca da ovelha, do jovem e

Os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam (Isaías 40:31).

De fala branda, modos simples e uma atitude humilde, ele cativa quantos contacta e tem uma atracção especial para as crianças. Teria passado, talvez, despercebido nessa manhã de domingo, como mais um dos estudantes da Universidade Nazarena do Leste, a assistir ao nosso culto devocional, não fosse o professor Arthur Lomba, desta instituição, que teve a

gentileza de no-lo apresentar. A partir do momento, a nossa relação passou a ser apertada e amiga. Não só veio a frequentar a Igreja do Nazareno de Emaús, até a sua formatura pouco tempo depois, como o tivemos em casa para algumas refeições e agradável convivência.

Gary Arami trouxe consigo uma tocante história, ilustrada com centenas de fotografias e diapositivos coloridos que mostram de forma impressionante o que ele chama de "Jornadas de Compaixão". Motivado pela morte de um ex-colega do liceu, Billy Clay, que aos 19 anos de idade morria vitimado por câncer de ossos, e profundamente sensibilizado, perguntara a Deus porquê e que poderia fazer para mitigar os sofrimentos de outras vítimas. Foi quando surgiu a ideia de correr de uma a outra costa dos Estados Unidos.

A ideia inicial foi correr da cidade de Hampton, N.H., onde residia, para S. Francisco, na Califórnia. Mas representantes da Associação Americana de Automobilismo, que viriam a dar-lhe algum apoio material para esse fim, sugeriram que se fizesse a corrida a partir de S. Francisco, rumo a Hampton. Teria o tempo a seu favor, os ventos pelas costas, evitaria as Montanhas Rochosas e, psicologicamente, seria mais fácil, uma vez que cada passo dado seria em direcção à sua casa.

Existem pormenores nesta emocionante história que o espaço do artigo não comporta. Mas citarei alguns que julgo pertinentes. No dia 13 de Maio de 1982, muito cedo de manhã, quando não se encontrava ninguém à volta numa



JORNADAS DE COMPAIXÃO

praia deserta da Califórnia, trazendo um par de sapatos de corrida nas mãos, ele molhava os pés nas águas do Pacífico e pensava: "Assim poderei dizer que corri de um oceano a outro" (do Pacífico ao Atlântico). Acompanhava-o um irmão e um amigo que se dispuseram a dar-lhe a necessária cobertura, seguindo-o num carro. Um deles encheu um frasco com água do mar para despejá-la no Atlântico, finda a jornada.

E, assim, Gary partiu nessa aventura de fé, numa "Jornada de Compaixão".

Foram 5.641 quilómetros!

Em média, correu uns 65 por dia. Passou, como ele diz, por experiências muito felizes, mas por algumas bem dolorosas. Se o seu gesto humanitário mereceu o aplauso duma multidão de testemunhas, não faltou quem quisesse fazer-lhe a corrida mais difícil com pedradas e insultos. Ao longo dos caminhos por onde passou, inúmeras pessoas atingidas pelo câncer, particularmente crianças, vinham ao seu encontro com palavras de incentivo e apreço. Para cada uma dessas pessoas tinha uma palavra de conforto e de esperança. No dia 27 de Agosto, pelas seis horas da manhã, ele chegava a Hampton, N.H., onde umas mil pessoas o receberam com aclamações e júbilo.

Levantaram-se US\$700.000.00 (setecentos mil dólares) em virtude dessa iniciativa. Diz Gary: "Iniciei a jornada sem nada e sem nada a concluí". Essa elevada importância foi enviada na totalidade para o Instituto de Câncer Dana Farber, situado em Boston.

Inspirado pelo resultado, e convicto que Deus lhe concedera resistência física e moral para a concretização de plano tão arrojado, ele vem fazendo outras "Jornadas de Compaixão", com resultados notáveis. Aquando do nosso encontro, ele disse-me: "Planejo agora *caminhar* através do país. Só que desta vez estarei visitando hospitais e despendendo tempo com os que não só padecem de câncer físico mas também de câncer espiritual e emocional".

Que o exemplo de Gary sirva de estímulo para quantos lerem este artigo e queiram pôr em prática o verdadeiro Ministério de Compaixão. □

—ANTÓNIO N. LEITE



O Autor (à esq.) com Gary Arami.

QUE FAZER

**Creio que
quando abunda
o dinheiro,
necessitamos
pedir a
orientação do
Pai celestial
para o usar
sabiamente.**

“Gostaria que os nazarenos e outros cristãos adoptassem um estilo de vida mais simples”, disse eu numa entrevista na qual me perguntaram quais os temas que mais me preocupavam.

Disse-o em parte porque muitos cristãos pensam não necessitarem negar-se a si próprios para serem fiéis seguidores de Cristo. Certo pastor convidado para pregar na capela do nosso seminário disse que gostava de viajar de avião em primeira classe, hospedar-se nos melhores hotéis e comer nos restaurantes mais caros. Pouco depois, quando houve oportunidade de perguntas, eu indaguei se ele acreditava que Jesus viajaria da mesma forma se estivesse hoje na terra. Ele respondeu afirmativamente.

Mas Jesus disse: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me” (Mateus 16:24); “as raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mateus 8:20).

As pessoas da nossa geração que prestam culto à riqueza não serão tidas em alta estima pelas gerações futuras. Antes, terão esse privilégio aquelas que dão a vida pelo bem-estar do próximo. Realmente, já hoje as temos em grande estima.

Há pouco levei a um restaurante o Dr. Tom Nees, pastor duma igreja que ministra a marginados. Ele comeu só aquilo que cria que os pobres da sua congregação comeriam nesse dia.

Senti-me satisfeito com o ocorrido após uma mensagem do Dr. Nees numa das universidades nazarenas. Contou ali de suas experiências com a igreja que pastoreava. A universidade organizou um leilão de artigos usados para apoiar o ministério do Dr. Nees. O nosso filho, aluno dessa faculdade, deu um televisor



COM O QUE TEMOS?

e outros artigos, incluindo várias peças de roupa.

Apreiei o que um dos meus alunos contou acerca de W. B. Godbey, evangelista de santidade e tradutor do Novo Testamento. Sua avó tinha-o conhecido pessoalmente. Em algumas ocasiões que ofereceram hospedagem ao pastor Godbey, ele pediu que o deixassem dormir na palha do celeiro, porque Jesus nunca tivera onde reclinar a cabeça.

Também gosto do que o Dr. Wesley Tracy narra na biografia de Adam Clarke, pastor metodista pioneiro que ministrou uns 50 anos como associado de João Wesley, autor do comentário bíblico que leva o seu nome e de muitas outras obras, incluindo uma teologia sistemática. Algumas vezes a esposa do Dr. Clarke mandava-o à mercearia para comprar géneros alimentícios e ele voltava sem dinheiro e sem comida. Outras, voltava sem casaco e até sem sapatos!

Estas histórias falam de vidas cristãs que se negavam a si mesmas, como um ideal. Eu não tenho vivido assim, pelo menos, consistentemente. Porém, quando me convidaram para ensinar em escolas nazarenas, como no México e nas Filipinas, levei algumas pessoas a comerem comigo em restaurantes, embora não fosse necessário fazê-lo. Também em Kansas City. Mas só parcialmente tenho procurado viver de acordo com esse ideal. Por exemplo, não compro sapatos novos há mais de 35 anos; visto quase sempre roupa usada; vivo por vezes em missões de resgate nas grandes cidades e tenho feito limpeza para ganhar o pão diário — tudo isto para experimentar o que é ser marginado ou isolado da sociedade.

Não é fácil para nós crentes dominar o desejo de obter coisas tão caras como as que têm os nossos amigos e conhecidos. Digo-o por experiência própria. Durante 40 anos a minha família gostou de dormir no campo. A minha esposa e eu acampávamos numa pequena barraca na rota de Kansas City para outra cidade; e a nossa família acampou durante décadas através dos Estados Unidos e outros países. E mesmo nessas condições, longe de amigos e conhecidos, não foi fácil aceitar o nosso modesto equipamento, quando víamos tanto luxo nas pessoas que acampavam perto de nós.

As minhas recordações de viajar não são de

comodidade nem de alojamentos de primeira classe; sempre viajámos o mais barato possível. Em 1944 fiz alta a um meio de transporte público para percorrer mais de mil quilómetros até ao local onde se realizava a Assembleia Geral da nossa igreja. Acabei por dormir sob as estrelas no vasto auditório. Provavelmente beneficiei tanto das reuniões como as pessoas que se hospedaram em hotéis de luxo. Eu também ouvi o Dr. Orval J. Nease, quando pediu em lágrimas à assistência que não votasse por ele para a posição de superintendente geral. Centenas de pessoas votaram por ele.

Tenho lembranças de toda a espécie dos anos infantis e juvenis, como não poder usar gravata nem roupa decente até à noite da graduação do curso preparatório; caminhar de oito a dez quilómetros diários para frequentar a escola primária; e comer verdura e pão três vezes ao dia.

Com os meus antecedentes de ter sido membro duma família de camponeses em anos de seca e depressão; com tantos filhos (dezasseis, se todos fossem vivos) para alimentar; e depois de conseguir seis títulos académicos, incluindo o doutoramento em filosofia pela Universidade de Glasgow, Escócia, tenho a tendência de pensar que, com a ajuda de Deus, podemos fazer quase tudo que realmente nos propomos realizar.

E também tenho a tendência de crer que uma família cristã, pelo menos na maioria dos países, apesar da inflação e outras circunstâncias adversas, pode permanecer unida e ter êxito. Ela pode também viver a sua fé numa igreja local e, através da mesma. Pode ser ajudada, ocasionalmente, por uma horta, mesmo em grandes centros urbanos. Também creio que quando abunda o dinheiro, necessitamos pedir a orientação do Pai celestial para o usar sabiamente.

Agora que já me vou aposentando, depois de ajudar a preparar pastores nazarenos durante 40 anos, creio profundamente no que disse, há tempos, naquela entrevista: que é adequado que os cristãos de todos os países *vivam com simplicidade e gastem o dinheiro sabiamente* — o que significa também gastar quanto pudermos para benefício de outros, através da igreja e seus ministérios. □

—J. KENNETH GRIDER

A palavra "mordomia" é um termo raro e de conotação especial no vocabulário religioso. E até nesse nível está a perder o sentido original achado nos apóstolos e em escritores bíblicos que registaram as palavras de Jesus.

De acordo com Paulo, os cristãos somos "administradores dos planos secretos de Deus" (I Cor. 4:1). Para sublinhar a nossa obrigação, o Apóstolo acrescentou: "Além disso, requer-se nos dispenseiros, que cada um se ache fiel" (v.2). Paulo refere-se a um uso muito diferente daquele que automaticamente hoje pensam os crentes quando ouvem os termos *mordomo* e *mordomia*. Regra geral relacionam-nos com dízimos e ofertas.

O mordomo deve ser modelo em ofertar, no agradecimento pelas bênçãos de Deus e em reconhecê-LO como Dono supremo de quanto existe. No entanto, o dízimo instituído por

Deus, pregado pelos profetas e reafirmado enfaticamente por nosso Senhor é apenas uma parte da mordomia. Um administrador é o servo que supervisa os haveres do seu patrão. Daí o conceito ultrapassar o simples acto de ofertar ou dar o dízimo.

Um mordomo ou administrador é uma pessoa de confiança a quem se entregou a supervisão daquilo que o Senhor colocou ao seu cuidado. No tempo do Novo Testamento a mordomia podia referir-se a propriedades, pessoas ou dinheiro. Além disso, o administrador guardava recibos e documentos, encarregava-se de educar os filhos do patrão e de seus haveres. A fidelidade era o requisito número um. Para ser bom mordomo devia prestar muita atenção aos detalhes e interesses do patrão.

Jesus estabeleceu a base da mordomia na parábola do mordomo infiel: "Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito"

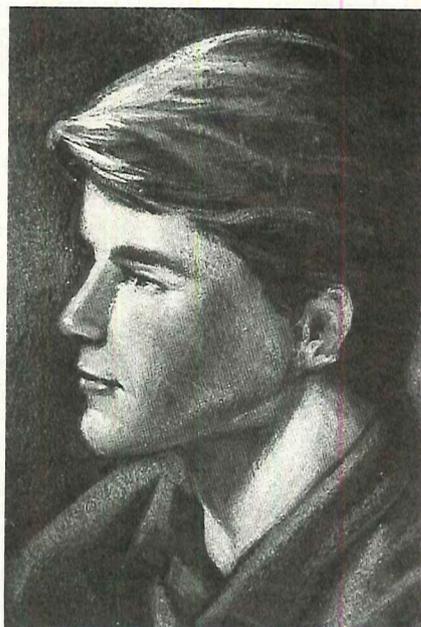
OU
NADA

D

E

F

MORDOMIA:



(Lucas 16:10). O crente que tem dificuldade em dar dez por cento de seus ingressos, não está habilitado nem pronto para em tudo depender de Deus; nem para O reconhecer como Dono absoluto da vida e dos bens. Um bom e fiel servo não pode amar as riquezas (Lucas 16:13). Deus exige tudo de cada um de nós.

Com frequência, quando falamos sobre histórias bíblicas que desafiam o nosso nível de dedicação, temos a tendência de isolar o seu significado, deixando de o aplicar por igual a todas as suas verdades. A história do jovem rico é disso exemplo. Quando se aproximou de Jesus para Lhe perguntar que devia fazer para ganhara vida eterna, o Mestre com a Sua resposta reforçou o mandamento de guardar a lei. Então o jovem disse que tinha guardado os mandamentos desde criança; e o Senhor apontou a sua falta, não na área teológica, mas no plano da mordomia. O mandato "vende tudo quanto tens" aplicamo-lo geralmente só ao caso do jovem

rico. Entretanto, a verdade é que Jesus sempre exige que Lhe entreguemos tudo.

Os pescadores tiveram de deixar os barcos e as redes para seguir a Cristo. A viúva, mencionada por Jesus, ao ofertar duas pequenas moedas deu tudo quanto tinha. Quando entregamos a Cristo tudo o que temos e somos, deixamos de ser donos mas, ao mesmo tempo, possuímos tudo. Com o apóstolo Paulo, o que antes nos era de muito valor agora consideramo-lo "lixo", em comparação com o conhecimento de Cristo.

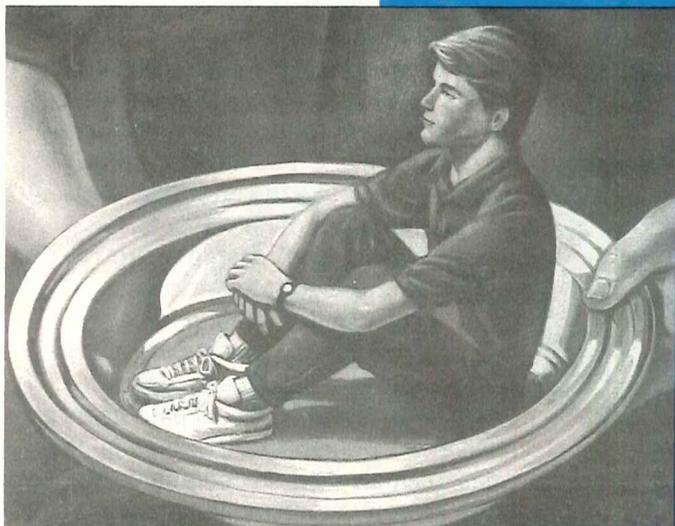
A verdadeira mordomia não se pode limitar a simples oferta regular de dízimos, porque o Senhor nos confiou, como servos e mordomos, muito mais que dinheiro. Jesus ocupa o lugar principal do nosso amor. Como os antigos mordomos descritos na Bíblia, cuidamos de tudo, mas o verdadeiro dono é Deus. Recordemos, sobretudo, que um dia Ele nos pedirá contas da nossa conduta como membros da Sua família.

Cristo é dono da casa onde vivemos. É nosso modelo na escola, na fábrica, no escritório ou na loja. Todo o meu salário Lhe pertence e devo contribuir para a igreja local e mundial através da obra missionária. Podemos acrescentar aqui estas palavras bíblicas: "Portanto, quer comais, quer bebaís, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus" (I Coríntios 10:31).

O mordomo dos tempos antigos encarregava-se de administrar as propriedades e pertencas do patrão. Assim, o dono não precisava de se preocupar com pormenores. Como mordomos, também nós estamos à espera do regresso do verdadeiro Senhor de tudo, que nos recompensará por nosso serviço (mordomia) fiel em todos os detalhes confiados — bens e família.

A mordomia fiel de Lucas 16 sugere a frase de Apocalipse 22:20 — "Amém. Ora vem, Senhor Jesus!" □

—GARY A. HENECKE



O tempo e dinheiro que damos a Deus ganham um novo sentido e propósito à medida que lemos este livro. Para o Dr. Young o amor e a dedicação formam os alicerces da mordomia. E a dâdiva inclui tudo quanto somos.

90 páginas.
Brochura
U.S.\$2.00

Faça o seu pedido à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES



ÁLBUM DAS IGREJAS

CAIÇARA — BRASIL

O nome vem dos índios Caiçaras, designação atribuída pelos próprios a seus irmãos, por morarem com os portugueses em vilas cercadas por caiçaras (cercas de varas).

O bairro Caiçara em Belo Horizonte, M. G., Brasil, é hoje um dos mais desenvolvidos da cidade, que já conta uma população de 3 milhões ou mais.

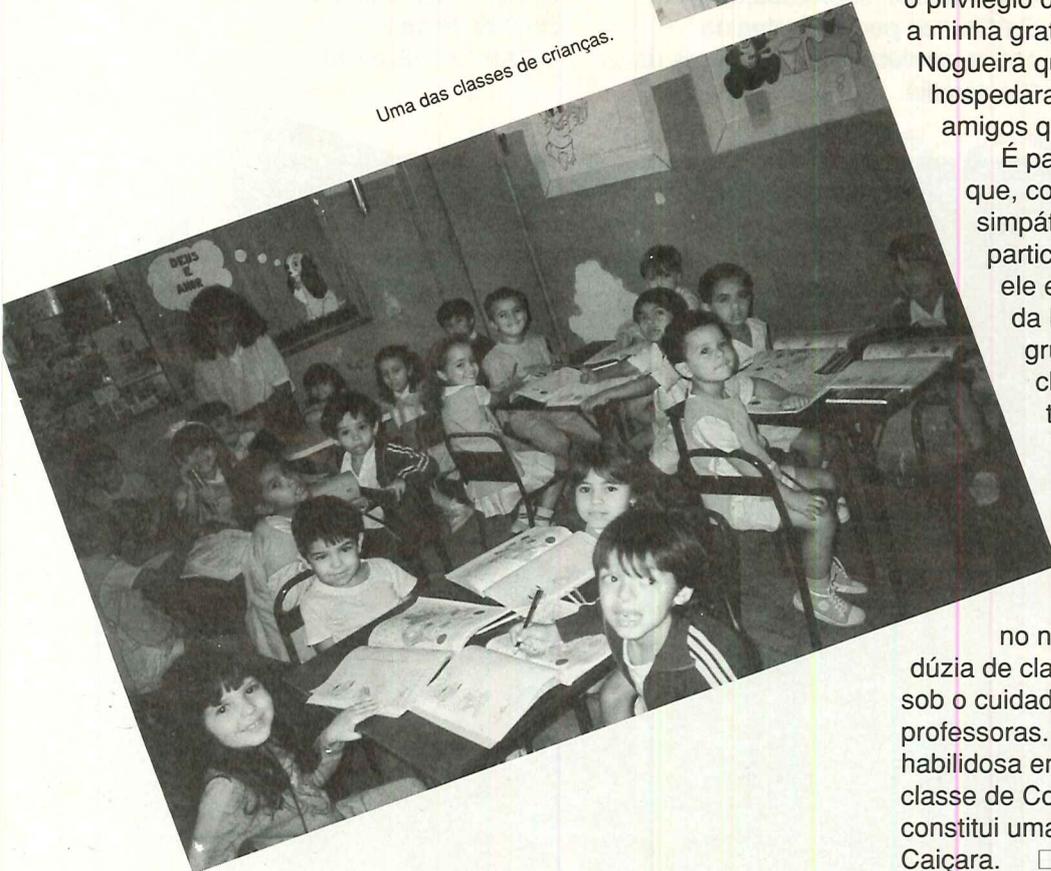


Congregação da Igreja do Nazareno de Caiçara, B. H., Brasil.

Grupo Coral da igreja.



Uma das classes de crianças.



É nesse bairro onde está localizada a chamada Igreja de Caiçara, indiscutivelmente, a mais progressiva das Igrejas do Nazareno naquela cidade. Tive o privilégio de a visitar recentemente. Registo aqui a minha gratidão às famílias Brás Almeida e Sá Nogueira que, com muito carinho, me hospedaram por vinte dias; bem como a tantos amigos que foram de gentileza extraordinária.

É pastor o Rev. Fernando de Sá Nogueira que, com pleno apoio da Junta Consultiva, da simpática e eficiente congregação e, particularmente da família que colabora com ele em vários sectores — música, classes da Escola Dominical, escola primária e grupos corais. O pastor Sá, como é chamado, vem exercendo, por anos, um trabalho sério, estável e com promessas de brilhante futuro.

Para além dos serviços devocionais e evangelísticos, a igreja tem-se preocupado com outras actividades sociais.

Mantém uma escola para crianças, no nível pré-primário, que reúne em meia dúzia de classes mais de uma centena de alunos, sob o cuidado de competentes e dedicadas professoras. A esposa do pastor, D. Maria Teresa, habilidosa em trabalhos manuais, dirige uma classe de Corte e Costura que, certamente, constitui uma valiosa contribuição ao ministério em Caiçara. □

—A. LEITE

CÉSAR



E DEUS

Bastantes vezes no decorrer da vida de Jesus achamos tentativas diabólicas de Seus inimigos para encontrar algum pretexto de O condenar. Os meios foram vários, as ocasiões diferentes. Algumas vezes, sobre regras da etiqueta da lei, como no caso de lavar as mãos antes das refeições; outras, procurando comprometê-lo com perguntas teológicas, como no caso do casamento. Se Jesus fizesse alguma afirmação que compromettesse a lei judaica, lá estavam os fariseus prontos para O condenar e prender. Esta atitude se manteve até o fim da Sua vida.

Mas de todas as armas usadas por eles, creio que a mais perigosa foi a da política. Parece que em todos os tempos os homens favorecem este processo, campo vasto para intrigas e insídias, onde uma pessoa habilidosa podia liquidar ou favorecer outra.

O nosso Salvador, felizmente, frustrou em todas as ocasiões, como sábio diplomata, os planos dos adversários.

Apesar da subtileza deles, e sem usar argumentos indignos que pudessem pôr em dúvida o Seu carácter, Jesus fazia-os emudecer ou pronunciar palavras de admiração:

“Jamais alguém falou como este homem” (João 7:46).

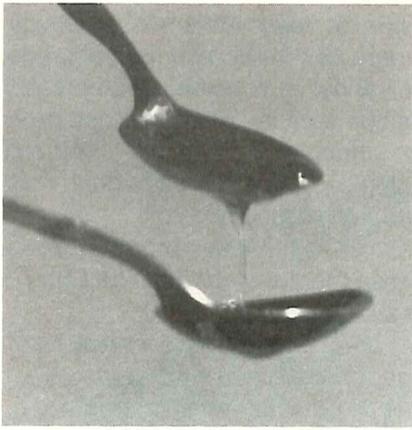
O caso do tributo, reflectido no título deste artigo, assentou para sempre a barreira que separa da pátria celestial as leis duma nação terrena, um arranjo humano, necessário aqui, mas inútil no contexto eterno. Muitos problemas correntes seriam solucionados se todos permanecêssemos dentro do conselho de Jesus: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21).

Aquele que é de Deus não deve imiscuir-se em armadilhas políticas, a menos que tenha alguma contribuição válida a dar. Mas algumas vezes somos obrigados a sofrer perda para não causar escândalos. O cidadão deve cumprir a lei até onde ela não contrariar suas convicções espirituais. Sendo apanhado nas malhas da política deve portar-se com dignidade e nunca usar o nome de Deus indignamente para sustentar campanhas mesquinhas.

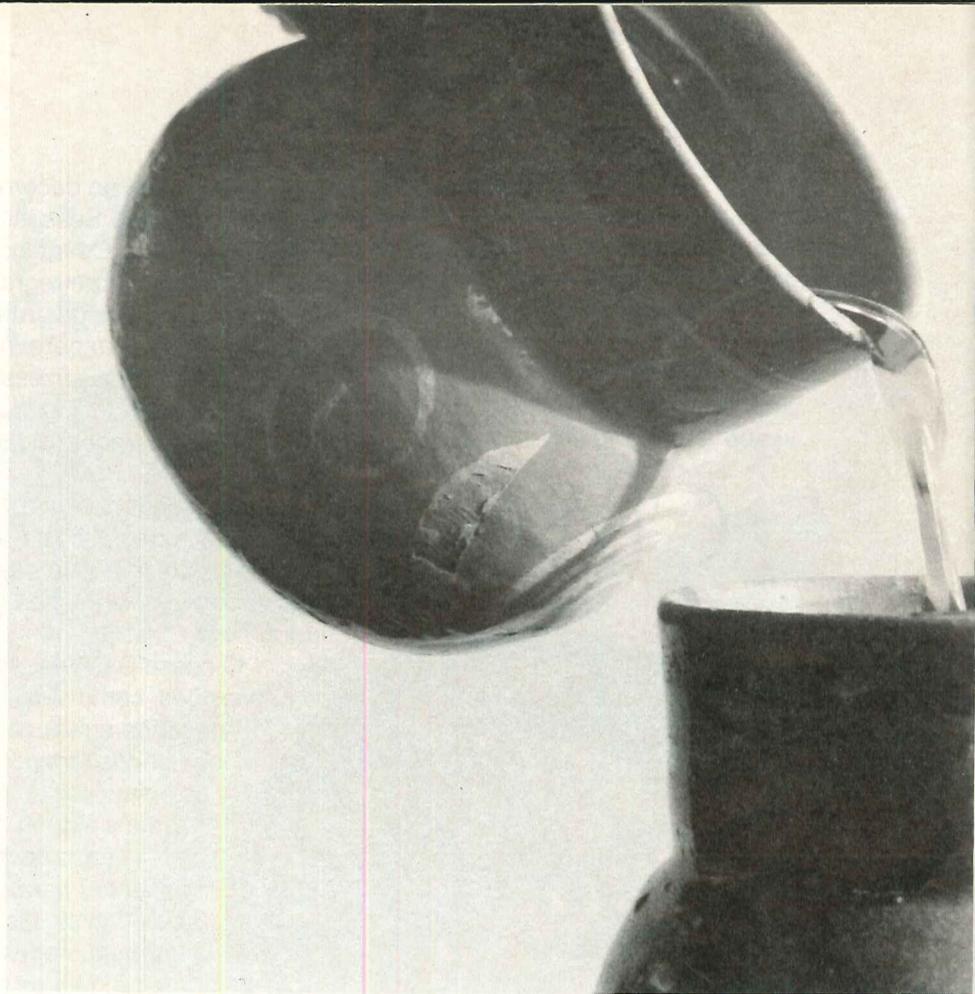
Dar a César o que é de César é recomendado por Pedro na sua epístola: “Honrai o rei” (I Pedro 2:17). Isso não preclude desonrar a autoridade ou algum senhor déspota e mau. Antes, pede que sirvamos com humildade. Pedro acrescenta que nenhum governo existente neste mundo é ignorado por Deus. Mudanças políticas benéficas aconteceriam mais vezes se o povo de Deus seguisse o conselho de “... façam deprecações, orações, intercessões e acções de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que estão em eminência” (I Timóteo 2:1-2).

Contudo, nunca esqueçamos que devemos dar a Deus o que é de Deus: nosso coração, vida e talentos. “Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam” (Salmo 24:1). “Dar a César” não deve sobrepôr-se a “dar a Deus”. Tudo deve ser feito com decência e ordem, diz Paulo; entretanto, se há perigo para a minha alma, a única opção certa e imprescindível é o “dar a Deus”. A Ele seja a honra, a glória e o poder para todo o sempre (Judas 24,25). □

—EUDO T. DE ALMEIDA



**Do púlpito
para o
coração.
Mensagem
com um
título
indiscutível.**



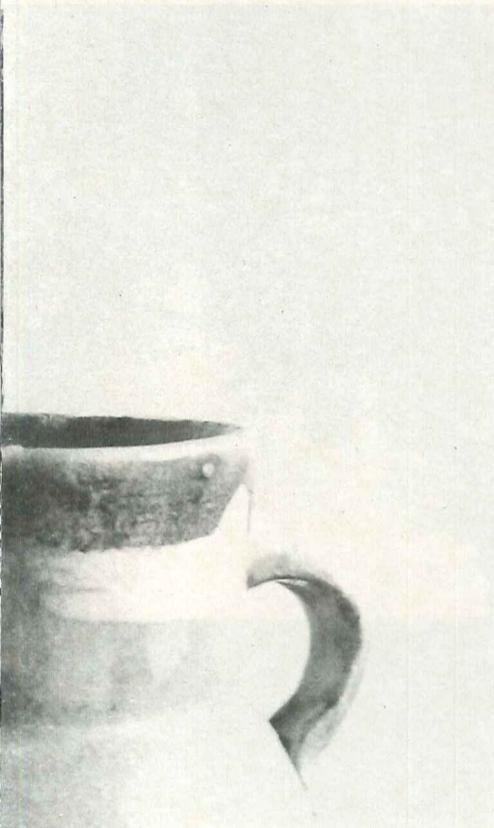
“GENEROSIDADE PARA COM DEUS TRAZ GENEROSIDADE DE DEUS”

O nervo mais sensível do corpo humano é o que vai do coração à carteira! Muitas pessoas ficam tensas e oprimidas quando o pastor começa a falar de dinheiro. *Descanse!* Este não é um artigo de martelar no assunto, é de “bênção”!

Alguns dizem: “A salvação é gratuita. Por que diz que temos de pagar por ela?” Sim, a salvação é de graça! Precisamente tão gratuita como a água. Você pode ir ao rio apanhar quanta quiser, de graça. Mas custa dinheiro purificá-la e canalizá-la para sua casa!

Da mesma forma custa dinheiro:

Construir e manter uma igreja. Mobilá-la. Pagar serviços públicos. Ter seguro, prover manutenção e cobrir as despesas semanais. Ter um líder espiritual (pastor), com uma vida dedicada ao povo. Manter escolas bíblicas e universidades para treino de jovens. Ter acção missionária à volta do mundo, reavivamentos. Participar dum programa missionário doméstico. Cuidar de missionários e pastores aposentados ou de suas viúvas. Participar em outros ministérios através de cooperação distrital e denominacional.



I. COMO CONTRIBUIMOS PARA A IGREJA?

Há duas opções: (1) Uma oriunda do homem, servindo-se de meios humanos mais aconselháveis e eficientes da localidade onde vive; (2) Outra, prescrita por Deus, de acordo com a Sua Palavra, contribuindo para a igreja com dízimos e ofertas.

Os dizimistas são abençoados por Deus; quem não dá o dízimo rouba a Deus.

JESUS:

(Mateus 6:19-21) Ajuntai tesouros no céu;

(Lucas 6:38) Dai, e ser-vos-á dado;

(Lucas 12:27-34) Onde estiver o vosso tesouro, ali estará, também, o vosso coração;

(Lucas 12:48) A quem muito for dado, muito se lhe pedirá.

Como financiaremos a obra de Deus?

Da parte do homem... ou de Deus?

Eu escolho a parte de Deus!

II. POR QUE DIZIMO E DOU OFERTAS PARA A OBRA DE DEUS?

A. Porque creio no que diz a Bíblia: que roubo a Deus se gasto o dízimo em carros, roupa, pagamento de hipotecas, férias ou contas pessoais.

B. Porque nove décimos rendem mais com Deus do que dez décimos só comigo.

Se pomos Deus em primeiro lugar nas nossas finanças, as promessas divinas cuidarão de nossas necessidades.

Têm-no comprovado anos de experiência!

C. Porque devo tudo a Jesus Cristo que me salvou duma vida de pecado e duma eternidade no inferno.

Dez por cento, vinte por cento, trinta por cento do meu vencimento para Deus não é uma carga quando amo verdadeiramente o Senhor!

D. Porque generosidade *com* Deus traz generosidade *de* Deus. "Dai, e ser-vos-á dado... porque, com a mesma medida com que medirdes, também vos medirão de novo".

Tenho aprendido ao longo de anos que se dou a Deus numa colher de chá, parece-me receber bênçãos—numa colher de chá. Se dou numa colher de sopa, recebo numa colher de sopa. Se dou numa chávena, recebo bênçãos numa chávena. Se dou numa bacia, recebo bênçãos numa bacia!

Eu não dou para receber! Seria uma oferta egoísta! Dou a Deus porque O amo e desejo dar generosamente. Ele também me dá generosamente... não para eu guardar e gastar comigo, mas para poder ofertar novamente. É realmente verdade: "*Você não pode exceder a Deus em generosidade!*"

Permita que lhe faça algumas perguntas:

Devemos financiar a igreja seguindo o lado do homem ou de Deus? Que fará você com a Palavra de Deus quando ela falar consigo acerca de suas finanças? Haverá ladrões no céu? Pode você afirmar que confia em Deus se não Lhe confia o seu dinheiro?

Já "provou Deus?" Querará você trocar a sua colher de chá por uma chávena?

Eu dou o dízimo à igreja de todo o meu vencimento. Sim! Dou ofertas em todos os ofertórios na igreja. Mas ultimamente Deus falou comigo acerca de dar *para outros necessitados*, além e acima do dízimo. Trago comigo certa quantia que chamo "dinheiro de Deus". É para ser gasto quando ouço dizer: "Existe uma pessoa necessitada, ajude-a". Quando dei esse dinheiro em duas semanas recebi um cheque com a mesma quantia, de fonte inesperada. Coloquei-o na carteira para a próxima necessidade. Em breve ouvi uma voz clamar e dei o mesmo valor como oferta. Dentro de uma semana recebi a mesma quantia. E assim tem acontecido dezenas de vezes.

Agora tenho ouvido que as pessoas a quem eu dei dinheiro estão a fazer a mesma coisa... a dar a outros necessitados. É emocionante, divertido e, por vezes, causa lágrimas de júbilo! O significado da oferta de Lucas 6:38 traduz-se desta forma.

Estou a dar o meu dízimo regularmente para a igreja? Sim. Suprem as minhas ofertas necessidades da casa de Deus? Sim. Mas, além disso, trago comigo na carteira determinada quantia à espera de ser dada a alguém em necessidade.

Creia, a generosidade *para com* Deus traz generosidade *de* Deus!

—JIM DIEHI



CAMINHO DA FÉ

(Hebreus 11:8-19)

—LÁZARO A. VALVASSOURA

“Pela fé Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia” (Hebreus 11:8).

Estamos caminhando para uma nova Pátria, a cidade celestial, e a Bíblia previne que durante esta caminhada enfrentaremos obstáculos.

No capítulo 12 do Livro de Hebreus o autor diz que precisamos desembaraçar-nos de todo o peso e até do pecado que nos assedia, para que tenhamos condições de chegar a entrar; e não sejamos como um dos personagens do capítulo 11 que viu a cidade mas não pôde entrar, porque na sua caminhada embarçou-se com muitas coisas. E mesmo tendo conduzido o povo até a cidade de Canaã, ele a contemplou com os olhos mas não entrou e foi sepultado do lado de fora da “terra que mana leite e mel”.

O apóstolo Paulo diz que nesta caminhada muitos naufragaram na fé. Temos que concordar com ele, pois muitas pessoas que já estiveram no caminho da fé se envolveram com preocupações da vida, consideraram secundário o caminho da fé e literalmente naufragaram.



A vida de Abraão assemelha-se muito à nossa. Era um homem pronto para ouvir e obedecer, mas tinha fraquezas e inconstâncias. Estas não impediram que ele fosse tratado como amigo de Deus e “pai da fé”, modelo dos que crêem.

Todos nós estamos a caminho e há na nossa vida períodos de muito êxito e outros de fracasso, às vezes económicos, de saúde ou de relacionamento que, não sendo consequência de pecado, sobrevêm porque estamos a caminho; e para chegarmos à Canã celestial temos que fazer como Paulo: “... esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (I Cor. 9:27); e “uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam...” Realmente Paulo tinha muitas coisas para serem esquecidas: mágoas, doenças, calúnias, perseguições, angústias, perigos, açoites e ferimentos. No entanto, disse: “Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam... prossigo para o alvo, para o prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filip. 3:13-14).

Estamos todos a caminho, ninguém ainda chegou. Há alguns mais maduros na fé, mais estáveis; mas

para todos há uma exortação: “Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia” (I Cor. 10:12). Nesta caminhada temos um inimigo subtil que não baixa suas armas e está sempre pronto a lançar setas inflamadas, na tentativa de derrubar aqueles que estão a caminho do Lar da Glória.

Abraão é o exemplo de homem que foi chamado para caminhar com Deus; e todas as chamadas só podem ser obedecidas pela fé. Às vezes somos possuídos interiormente pelo espírito de Gideão e queremos provas. Todos somos pedidores de sinais, mas aqui está uma palavra extraordinária: “Pela fé Abraão foi chamado”. E a chamada de Deus é que caminhemos por fé e não por sentimentos, convicções. Hoje há quase que uma dependência de “muletas”; todos estão perguntando se devem ou não agir. Mas fé é a certeza de que o dedo de Deus está apontando e que Ele é fiel para fazer muito mais do que pedimos ou pensamos, “conforme o Seu poder que em nós opera”.

A chamada de Deus é de fé e você tem que crer, porque eu não posso crer por você nem transferir para outrem o meu relacionamento com Deus. Devemos relacionar-nos com Ele de tal forma que quando nos chamar, ainda que outros achem ser isso loucura, possamos dizer: “Sei em quem tenho crido, e estou certo que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” (II Tim. 1:12).

Esta caminhada é de fé pessoal, individual. Há coisas que cremos e aceitamos e que outros não crêem nem aceitam. E não há nisso problema, porque o reino da fé é dinâmico.

Pela fé Abraão obedeceu. A chamada de Deus parecia cheia de absurdos: (a) sair da terra em que estava estabelecido, (b) deixar a parentela, (c) ser uma bênção, (d) povoar uma terra que não conhecia, apesar de lhe faltarem condições para ter filhos. Esta proposta parecia absurda. Deus não lhe dera um mapa, nem vitaminas para revitalizá-lo, nem prescrevera a Sara um tratamento de fertilização. Simplesmente disse: “Vai!” E a resposta foi: “Eis-me aqui Senhor”. Não houve reticências. A caminhada da fé não é um conjunto de sentimentos e pensamentos: Deus fala ao *coração*.

Fé é a capacidade de ver o invisível, crer no impossível e tocar o intangível.

Abraão partiu sem saber para onde ia. Às vezes temos que tomar decisões humanamente impossíveis. Pela fé Abraão peregrinou na terra da promessa. Nada podemos construir sobre o nosso próprio nome. O único meio de caminharmos na fé é saber que o alicerce que vai permanecer para sempre é a Pedra

que os homens rejeitaram mas feita alicerce de todas as coisas: Jesus Cristo.

Abraão peregrinou como em terra alheia. Deus lhe dissera que onde colocasse a planta dos pés a terra seria sua, mas ele percorreu montanhas e vales sem ter nada permanente. A caminhada da fé não pode ser construída sobre alicerce definitivo. Temos que ter a capacidade de ouvir a voz de Deus falando ao nosso coração: "Monta a tenda mais para cá ou mais para lá!".

O sobrinho de Ló foi armando suas tendas rumo à desobediência; e, no momento da partilha, tentou vibrar um golpe em seu tio que lhe disse: "Se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita irei para a esquerda" (Gén. 13:9). E Ló, como a maioria das pessoas, olhou para baixo, para campinas verdejantes que desciam à cidade de Sodoma. Mas Abraão olhou para cima. E olhar para cima é melhor, mesmo que lhe pareça que você está sendo deixado para trás. Sabemos o que aconteceu a Ló e a Abraão. Um quis considerar-se peregrino, o outro quis construir coisas permanentes.

Na sua caminhada da fé lembre-se que você é peregrino, que sua Pátria não é aqui. Estamos a caminho da Pátria celestial. Tudo aqui é transitório. Não se agarre a coisas materiais, sejam elas dinheiro, posição, títulos ou bens. Tudo vai ficar aqui. Tal como Abraão, estamos a caminho numa cidade que tem fundamento.

Pela fé Sara recebeu poder para ser mãe. A fé é instrumento que transmite poder. E Sara recebeu-o para transformar seus órgãos mortificados num corpo saudável e fértil.

Nesta caminhada precisamos constantemente de poder para aprofundar nossa comunhão com Deus, fazer brotar vida em nós mesmos — vida de poder e de obediência a Deus.

Pela fé Abraão, quando sujeito à prova, obedeceu e não hesitou oferecer seu filho Isaque, colocando-o no altar do sacrifício.

Na caminhada da fé Deus nos pede o que temos de melhor. Não é o nosso "Ismael", que dando resolve os nossos problemas, mas o nosso "Isaque", o filho da promessa, através do qual a terra ficaria cheia "como areia da praia e estrelas no céu". É isto que Deus deseja, que nossa dependência seja totalmente d'Ele: uma vida de obediência contínua e permanente.

Nessa caminhada precisamos rever nossos valores. Só seremos o exército de Deus se formos obedientes e disciplinados. Mesmo que o convite de Deus nos pareça absurdo, tudo o que cabe fazer é obedecer sem questionar ou discutir estratégias, pois fé é a capacidade de ver e crer o que ninguém vê ou crê.

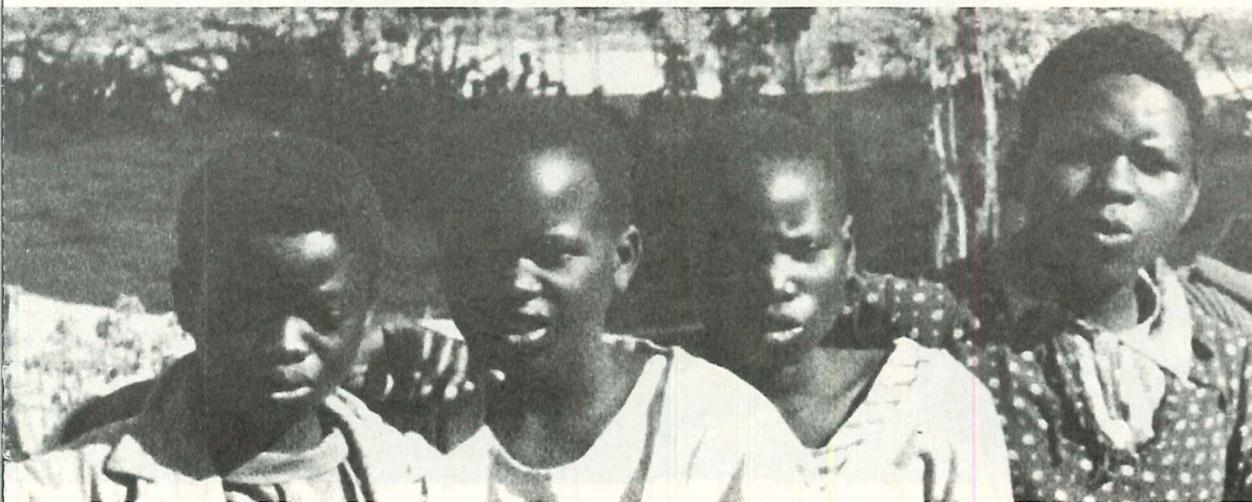
Pela fé temos que criar um desprendimento, provar que nada possuímos de estável e permanente. Estamos construindo, mas o Reino é de Deus e nós somos peregrinos a caminho de Pátria que é permanente, cujo construtor é Jesus.

Não sabemos qual será a próxima etapa que Deus nos reserva. Mas tudo que precisamos é obedecer e estar prontos para ofertar o melhor a Deus, isto é, o nosso "Isaque".

Quando praticarmos isto, estaremos aprendendo a caminhar pela fé, não dependendo de emoções, sentimentos ou circunstâncias, mas dependendo de Deus. E quando dependermos d'Ele podemos então descansar, porque Aquêle que começou a boa obra em nós vai completá-la até o Dia de Cristo Jesus. □



África está em crise. De acordo com o relatório do Banco Mundial, a crise caracteriza-se pelo pouco crescimento agrícola, diminuição na produção industrial, baixos lucros da exportação, aumento da dívida externa e retrocesso institucional. O elevado crescimento da população, o fraco rendimento económico e a urbanização contribuem para o elevado número de desemprego e para outros problemas ainda mais graves. Além disso, partes do continente estão a enfrentar a



ÁFRICA — DESESPERO... OU ESPERANÇA?

epidemia da SIDA em proporções verdadeiramente catastróficas.

Torna-se aparente que a urgência da situação força hoje os líderes africanos a adoptar uma atitude mais pragmática. Parece surgir uma tendência para a resolução de conflito por meio de negociações, aumento de liberdade política e económica, bem como cooperação regional. Esperamos ver o nascimento duma nova África que entrará no século XXI como participante cada vez mais activo nos negócios mundiais.

No meio destes eventos, as pessoas estão a voltar-se para Deus; prova-o o crescimento extraordinário da Igreja do Nazareno que vai entrando num país após outro. Embora a salvação de almas deva ser sempre o interesse principal da igreja, os serviços de educação e saúde são faceta importante nas suas actividades. Nesta área, nós, africanos, desejamos estender o nosso especial muito obrigado a quantos têm apoiado a IABE—

(Investimentos Africanos Para Bolsas de Estudo).

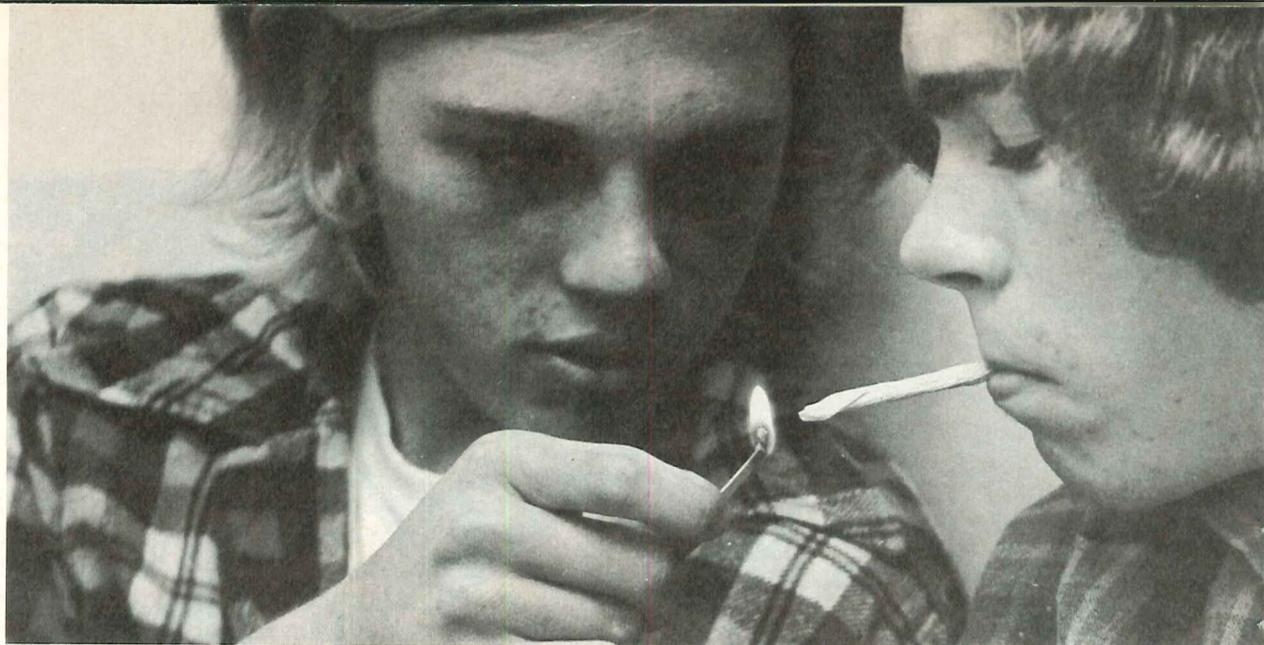
A sobrevivência de África depende de três factores críticos e entre si relacionados — educação, desenvolvimento económico e uma mudança fundamental de coração. A educação cristã é de grande importância nos tempos modernos. Além disso, tenhamos em mente que as pessoas instruídas desempenharão um papel chave na preparação do futuro. O desenvolvimento agrícola, económico e tecnológico, — vital se os países africanos querem competir com outros no século XXI —, é impossível sem a instrução. E neste ponto a IABE desempenha papel especial.

Uma doação a Investimentos Africanos Para Bolsas de Estudo provê meios excelentes de gerar fundos para educar pessoas escolhidas. O fruto do investimento pode não ser quantificável, mas será certamente o mais recompensador — melhorar a vida de pessoas. Os benefícios estendem-se para além

das pessoas recipientes e de sua comunidade imediata. Alguns beneficiados ocuparão sem dúvida no futuro posições chaves em muitos campos de empreendimento. A sua influência não só alcançará outros para Cristo mas contribuirá positivamente para o desenvolvimento de seus países e região.

Conquanto pedidos de ajuda continuem a exceder fundos disponíveis, aqueles que têm apoiado os fundos para bolsas de estudo podem estar certos de que a sua participação é muito apreciada, não só pelos recipientes mas também por quantos compartilham a carga de interesse pela África e seu povo. O impacto final da sua participação nesta aventura será muito maior do que você jamais imaginou. □

—JOHAN DE JAGER



Meu Testemunho

Quando eu era mais jovem, a minha família não estava activamente envolvida na igreja, mas de qualquer forma eu tinha desejo de frequentar. Havia algo que me atraía, algo que não podia encontrar noutra parte. Talvez o que mais apreciava fosse andar de carro com outras crianças da vizinhança ou a sensação especial de poder cantar coros a plenos pulmões! Havia algo especial acerca da igreja, e eu gostava de ir.

Contudo, quando cresci, passei por mudanças. Tornei-me menos interessado na igreja e, pouco a pouco, deixei de ir com os meus amigos. Quando entrei na escola secundária já tínhamos deixado de andar todos juntos e encontrei nela novos amigos com novas actividades. Alguns dos meus novos interesses resumiam-se a drogas e bebidas alcoólicas. Eventualmente, esqueci tudo da igreja e até os hinos que gostava de cantar. Este período da minha vida ficou marcada por infelicidade e interrogações da alma. Passava muito tempo num estado de turpor provocado pela droga, procurando evadir problemas. A minha mãe divorciara-se novamente e nessa ocasião eu fui viver com os avós.

Aos 15 anos, um ataque de bronquite levou-me ao hospital. Nas três semanas que permaneci internado, meus avós assistiram a um culto de reavivamento em que reacenderam a sua fé no Senhor. Contaram-me depois como a igreja era maravilhosa e que eu também iria quando tivesse alta. Realmente, nesse ponto da minha vida, eu não estava muito interessado na igreja, mas

pronto para algo mais. As drogas e o cigarro tinham-me causado sérios problemas e estava um tanto cansado deles; por isso, decidi acompanhar os meus avós à igreja.

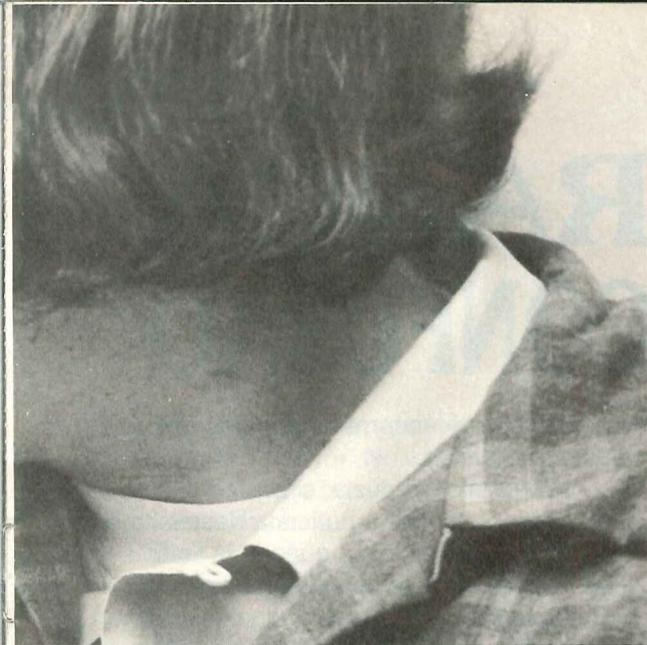
No domingo à noite, após a minha saída do hospital, celebrava-se o último culto do avivamento. Recordo que não liguei muito ao serviço, mas no fim aconteceu algo estranho. Senti uma luta no coração, como se desejasse obter o que o pregador mencionava. Fui orar ao altar. Gostaria de dizer que me senti transformado ou coisa semelhante, mas não. Continuei a ser o mesmo... apenas os meus pecados foram então perdoados.

Depois disso comecei a assistir à igreja regularmente. A filha do pastor interessou-se por mim, quanto a discipulado e também namoro! Porém, no mais íntimo eu ainda lutava com drogas. Não conseguia parar. Recordo ir à igreja no domingo e sentir o toque de Deus; depois, na segunda-feira, drogava-me com os amigos da escola. Aos dezasseis anos senti a chamada de Deus para pregar. "Mas Deus", argumentei, "eu nem sequer consigo parar com as drogas quanto mais pregar o evangelho!" Apesar disso, anunciei à junta da igreja local a minha chamada para pregar.

As coisas tornaram-se mais difíceis e entre os dezassete e dezoito anos abandonei a casa dos avós. Assim poderia drogar-me à vontade. Deixei os estudos e comecei a viver nas ruas. Com o tempo até me inscrevi no serviço de beneficência social para custear as drogas. Algumas noites não tinha comida porque gastara todo o dinheiro em drogas.



Keith Irey e sua esposa, Kathy, em foto recente.



—KEITH IREY

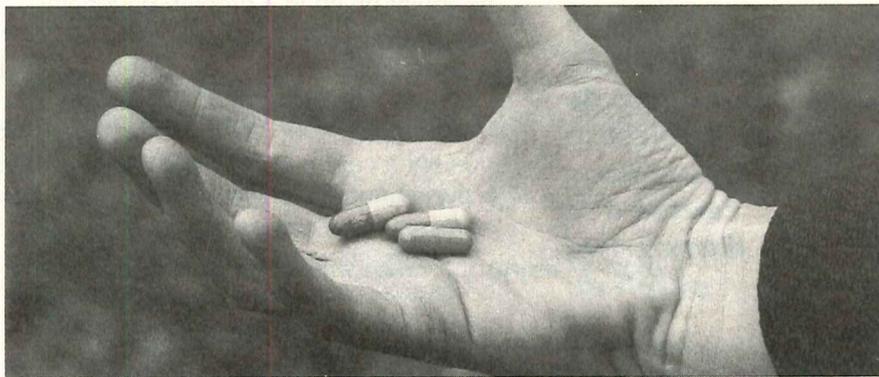
Sempre que me faltava a comida ia à casa dos meus avós e eles alimentavam-me. Não obstante, tínhamos um acordo que enquanto eu me drogasse não poderia viver com eles. Embora tivessem toda a razão, nunca falharam em me mostrar o amor de Cristo, satisfazendo as minhas necessidades básicas de comida e roupa.

Ao longo desse tempo os avós oraram muito por mim. Apesar de outras pessoas dizerem que eu estava arruinado, que era um marginado e viciado em drogas, os meus avós nunca desistiram. Viam o que outros não conseguiam ver. Talvez vissem um Deus suficientemente grande para me alcançar, sem olhar à baixaza do meu estado.

Nunca esquecerei o dia em que Deus me

tocou! Tinha estado toda a noite de sábado numa farra de estupefacientes. Cerca das seis horas da manhã de domingo, 7 de Julho de 1985, comecei a ter alucinações. Pensei que o arrebatamento dos salvos tinha sucedido e que eu acabava de o perder! O meu primeiro pensamento foi ir a casa dos meus avós, a fim de saber se o arrebatamento tinha realmente acontecido. Se Cristo tivesse vindo, eu sabia que os meus avós partiriam com Ele.

Quando me levantei, podia sentir as chamas do inferno no meu corpo. Recordo ter visto prédios e marcos a desaparecerem diante de mim. Comecei a orar cerca de dois



terços do caminho que dava para casa dos meus avós. Disse a Deus que precisava Sua ajuda para superar a crise e que, se tivesse segunda oportunidade, viveria completamente para Ele. Voltada a esquina, descobri que os meus avós estavam em casa e que Deus me dera uma segunda oportunidade!

Gostaria de dizer que nunca mais toquei em drogas, mas a verdade é que por mais três vezes falhei a Deus. O Senhor foi paciente comigo. Todo este tempo os meus avós continuaram a orar e a crer que Deus faria um milagre na minha vida. E fê-lo, louvado seja o Seu nome! Fui o primeiro na família a frequentar uma universidade. Com efeito, há dois anos graduei-me do Colégio Bíblico Nazareno de Colorado Spring; e, em 1991, a Universidade Nazarena de Mid-America conferiu-me o diploma de Bacharel em Religião. Também estou a trabalhar numa igreja local como Pastor Associado de Evangelismo. É verdade que eu estava arruinado, era um marginado e viciado em drogas. Contudo, os meus avós nunca deixaram de me ajudar. Nem Deus me rejeitou! □

A • HORA • NAZARENA

RÁDIO

PARA QUE O MUNDO CONHEÇA JESUS



MISSÃO MUNDIAL DA RÁDIO
IGREJA DO NAZARENO

“A ESPERANÇA NÃO TRAZ CONFUSÃO”

O resgate dum homem apanhado pelos escombros dum prédio que caíra no terramoto de S. Francisco, trouxe nova certeza à fé duma cristã perplexa.

Quando ocorreu em 1989 o grande terramoto em S. Francisco, Califórnia, o meu marido e eu estávamos nas montanhas de Santa Cruz num retiro para pastores e esposas. Acabávamos de nos deitar quando o quarto começou a tremer.

Não sei como, de repente encontrei-me a rebolar no chão à procura da janela, antes de me aperceber do que se estava a passar. Então, quase por instinto, dei meia volta em direcção à porta e comecei a gatinhar passando ao lado dum candeeiro que tinha caído. Porém, antes de alcançar a porta findou o terramoto. Sentia-me mal e apressei-me a sair para a rua.

Já se encontrava no estacionamento de carros um grupo de pessoas a escutar rádio. Não víamos prejuízos mas todos estávamos assustados. Então o rádio começou a transmitir notícias preliminares acerca da ponte da baía e dum incêndio na Marinha. Muitas pessoas foram aos telefones públicos para saber dos seus queridos, mas poucas linhas telefónicas funcionavam. As estradas encontravam-se fechadas ao trânsito. Só podíamos esperar e vigiar até ao dia seguinte.

Mais de 100 pessoas se juntaram à volta dum rádio que trabalhava com gerador de emergência. Durante a noite e no dia seguinte a terra começava a tremer sem aviso prévio; e todos ficávamos quietos.

Regressámos a nossa casa na quinta-feira ao meio dia, um dia e meio depois do terramoto. A maior parte dos prédios de S. Francisco aparentavam estar firmes, mas a vida das pessoas não era normal. No sábado desejei ir ver o que acontecera no sector da Marinha. A nossa casa apenas sofrera pequenos danos. Ninguém à volta ficara ferido ou perdera a casa. No entanto, eu desejava ver os lugares mais afectados. Parece estranho que, com frequência, o

desconhecido encerre o que mais nos assusta na vida.

Enquanto conduzia, sintonizei numa estação que só dava notícias. Necessitava de informação, mesmo quando já tinha ouvido várias vezes os mesmos relatos. Dobrava uma esquina quando o locutor descreveu a principal notícia do dia. Um homem fora tirado dos escombros da autopista Cypress que se desmoronara em Oakland.

Alguém tinha sobrevivido. Parei o carro e chorei. Não conhecia esse homem nem vivia em Oakland, mas senti como se o homem e a equipe de salvamento me tivessem devolvido o que o terramoto me tinha tirado — a capacidade de me agarrar à esperança.

Esta baseia-se em aguardar e sonhar com uma nova e mais promissora manhã sob o controle de Deus. Depois do terramoto, a manhã de cada novo dia nos trazia a possibilidade de mais descobertas catastróficas de mortos e prejuízos. O futuro tinha mudado, de dias esperançosos para tempos de iminente e contínua destruição. Onde estava Deus quando ocorreu tudo isto? Uma senhora hospitalizada disse ao meu marido: “Sempre confiei que a terra estivesse sob o controle de Deus. Mas quando ela tremeu a visão de Deus como que desapareceu”.

As palavras desta senhora e outras semelhantes tornaram-se comuns entre várias pessoas. Quando as coisas que consideramos seguras atraíam a nossa confiança, tudo parece incerto. Durante dias continuei a orar pelos que sofriam e para que não houvesse mais terramotos; mas atrás de minhas orações estava o temor de que Deus se encontrasse ausente. O que escutei de Buck Helm, o homem que ficara soterrado, devolveu-me a esperança de que Deus continuaria a participar no futuro.

Exteriormente continuei a vida normal após o terramoto; mas, sem dar por isso, a minha capacidade de esperança tinha sido

—REBECA LAIRD

temporariamente enterrada sob toneladas de desespero e terror. No entanto, como acontecera àquele homem, Deus rondava sobre os escombros da minha esperança desfeita e viu nela poucos sinais de vida. A história da incrível sobrevivência dum homem serviu para me ajudar a crer novamente que o dia de amanhã seria melhor.

Semanas depois de ouvir o resgate desse homem, li novamente Romanos 5:2-5: "... e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança; e a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado".

A frase "e a esperança não traz confusão" entrou no meu coração. Verdadeiramente a esperança não me confunde. Deus deu-me fielmente um sinal do Seu amor derramado em mim. O sr. Helm, desenterrado dos escombros, foi o meu sinal de esperança.

Ele morreu no hospital um mês após o terramoto. A vida desse homem valente cintilou como uma chama de vela procurando sobreviver a uma rajada de vento que depois se apagou. A princípio senti-me atordoada, posso mesmo dizer ludibriada. Depois fiquei triste e orei. Horas depois Deus inspirou-me na obscuridade do meu desânimo que o prolongamento de dias num mundo pecaminoso não é a maior dádiva divina para a humanidade.

Em vez disso, o nosso presente de maior valor é a vida de Deus na vida humana, tanto neste mundo como no outro. Pensei no sofrimento, morte e ressurreição de Jesus e guardei a fé. Creio que, como diz a Bíblia, "a esperança não traz confusão". □

OBRIGADO, SENHOR

Senhor, quero desta vez pôr de lado todos os meus problemas e ansiedades para me chegar a Ti e dizer simplesmente: "Obrigado".

Obrigado:

Pela família e amigos a quem amo e que me amam neste mundo tão necessitado de amor.

Pelo lar confortável que me deste, enquanto outros carecem dele.

Pela presença do Espírito Santo, quando a soledade me procura esmagar.

Pela alegria de ajudar outras pessoas, quando as vejo em necessidade.

Pelo ministério da cura divina que vence enfermidades.

Pela fortaleza da humildade, quando tentado a sentir orgulho.

Pela confiança de que Tu, Senhor, tens um lugar e propósito para cada pessoa, ao sentir-me apoucado entre os meus irmãos.

Por poder raciocinar corretamente e dominar o desespero que, por vezes, me procura invadir.

Por me ajudares a compreender o erro cometido e alimentares a minha alma com a Tua sabedoria.

Pelo toque refrescante da Tua mão, depois dum dia de agitação no mundo secular.

Pela evidência da Tua vontade na minha busca constante do significado da vida.

Pelos momentos de distração e sorriso, mesmo em tempos conturbados.

Pela certeza de que Tu ainda estás no Teu trono, apesar das condições instáveis do mundo.

Sobretudo, Senhor, agradeço a Tua presença reconfortante, quando estendo a mão em oração.

Muito obrigado, Senhor! □

—ROSS W. HAYSLIP



A GRAÇA DE DEUS É MARAVILHOSA

Encontrava-me a pregar uma série de mensagens na igreja de Alma Rosa, na República Dominicana. O pastor tinha-me pedido focar assuntos que levassem a congregação a compreender melhor o que é a adoração.

Durante o tempo da Escola Dominical, entrou um jovem na classe. O pastor, que ensinava a lição, deu-lhe as boas vindas e perguntou-lhe o nome. Respondeu que se chamava Rubens. Este ficou para o culto, mas saiu logo que eu comecei a pregar. Vi-o caminhar pela rua fora. Mas fiquei surpreendido quando regressou poucos minutos depois.

Enquanto eu falava, fui guiado a adaptar o tema da obediência, incluindo o de convidar Cristo a entrar no nosso coração. Ao terminar a mensagem fiz um apelo, primeiro geral e depois específico para alguém que quisesse aceitar Cristo como seu Salvador. Ninguém foi ao altar.

Ao findar a mensagem fui sentar-me ao lado da minha esposa, na congregação. O pastor ia terminar o culto. Rubens encontrava-se precisamente atrás da minha esposa. Estendi-lhe a mão para o cumprimentar. Segurando-a ainda, ele disse: "Desejava conhecer a Cristo".

Acompanhei-o ao altar. Oramos juntos e conduzi-o a Jesus Cristo.

No domingo seguinte o pastor levantou-se para dar a Escola Dominical, mas não começou pela lição. Primeiro recordou-nos a visita do jovem Rubens no domingo anterior. Depois acrescentou que ele não voltaria mais. Tinha falecido, vítima de acidente no trabalho. Que choque tão duro!

Desde essa manhã tenho pensado muito no cuidado amoroso do Senhor que não permitiu que o jovem partisse para a eternidade sem ouvir de Cristo — sem, pelo menos, ter uma oportunidade de entregar coração e vida a Jesus.

Também pensei acerca de como o Espírito Santo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Humilhei-me ao ver como Deus nos usa para levar a outros a Sua maravilhosa graça. □

—MARSHALL G. GRIFFITH

PRECE

Senhor!

Faze que minha alma,
cada dia mais se aproxime de Ti!
Não permitas, Senhor,
que caluniadores me ataquem,
tentando ofuscar a luz que quero reflectir!
Dá-me, Senhor, fé para que possa suportar
as fases tristes e negras da vida.
Faze, Senhor, que os problemas
que me parecem insolúveis
sejam resolvidos sem a outros prejudicar!

Senhor!

Faze que minhas derrotas,
se tornem vitórias.
Endireita meus caminhos,
fazendo-os mais firmes e inabaláveis.

Senhor

Livra-me das tentações do mundo,
que são tantas!
Coloca, Senhor, no meu coração
apenas o bem, a sinceridade e o amor!
Faze, Senhor, que o Teu Santo Espírito
esteja sempre comigo,
em todas as horas e momentos,
para que os Teus caminhos sejam meus.

Senhor!

Ajuda-me a superar os males!
Se, errado sem saber,
contribuí que o mal se alastrasse,
como Teu filho, Te magoei,
perdoa-me, Senhor!

Senhor!

Tu podes aliviar meus sofrimentos
ungindo-me
com a Tua bênção.
Fazendo-me missionário da Palavra,
no poder do Espírito os famintos saciar...
Amém!

—ANTÓNIO M. GONÇALVES

RENOVAÇÃO

INTERIOR

De acordo com o apóstolo Pedro, Deus fez-nos “grandíssimas e preciosas promessas” (II Pedro 1:4). Elas cobrem quase todos os aspectos da vida. Umas cumprem-se aqui na terra, outras só na eternidade.

Ficamos gratos a Deus quando responde às nossas orações e vemos promessas cumpridas. Mas, se tarda em responder, ter-se-á esquecido de nós? De forma alguma. E a razão é simples: aplaudimos o cumprimento de promessas mas negligenciamos as condições que lhe vêm apenas — quer implícitas no seu contexto, quer explícitas na Bíblia.

Para se concretizarem as promessas de Deus, precisamos de renovação interior. E esta baseia-se em conhecer e fazer a vontade divina. O próprio Senhor assegurou que podemos ter a Sua vontade para a nossa vida.

Na Epístola aos Romanos (12:2) o apóstolo Paulo, falando sobre o conhecimento da vontade de Deus, menciona algumas condições: “Não vos conformeis com este mundo”, diz ele, pois o procedimento das pessoas mundanas é contrário aos ideais de Deus.

“Transformai-vos pela renovação da vossa mente” — pois a mudança essencial não reside na conformidade exterior, mas na personalidade interior. Só depois de transformados é que podemos experimentar “a boa,

agradável e perfeita vontade de Deus” (Rom. 12:2).

A renovação interior faz parte da obra do Espírito Santo. Só a pessoa renovada conhece a vontade de Deus e desfruta da graça necessária para a observar.

Mas tenhamos presente que Satanás continua a opôr-se à acção divina na nossa alma. É astuto. “O próprio Satanás se transfigura em anjo de luz” (II Coríntios 11:14). E tem grande habilidade em escolher a tentação que mais nos pode seduzir. Todavia Deus prometeu que podemos vencer o maligno. O apóstolo Tiago declarou:

“Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tiago 4:7). Certamente ele continua ainda hoje a ser vulnerável e a sua expulsão depende da nossa resistência.

Porém, a melhor maneira de resistirmos a Satanás é humilhar-nos diante de Deus. A humildade leva-nos a avaliar o que Deus é e faz por nós, sem exaltação da nossa parte.

“Diante do Pai de Jesus, feito nosso Pai, não devemos pensar primeiramente em nós, expondo os nossos pedidos, mas primeiro e sobretudo n’Ele, apresentando as nossas homenagens. O grau mais elevado de adoração é desejar e anelar o que Deus deseja e anela; isto é, que Ele receba toda a glória que a Criação é capaz de Lhe oferecer, que governe sem obstáculo os corações de todas as pessoas e que assim se realize o Seu reinado sobre a terra” (K. Barth).

Comecemos, pois, por louvar e adorar a Deus sendo reverentes e sinceros. Não basta mostrar reverência exterior. A nossa atitude diante do Senhor deve partir do interior, dum coração humilde e contrito. Davi orou: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito recto” (Salmo 51:10). Jesus repreendeu os fariseus por revelarem uma religião exterior e repetirem mecanicamente suas orações formais. “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!” (Mateus 23:13). Quase sempre a boca traduz o que vai no coração.

Se formos sinceros e obedientes, Deus cumprirá as Suas promessas. Dar-nos-á graça para resistirmos ao diabo, transforma-nos interiormente. O nosso Deus é o Senhor tanto da vida física como da espiritual; e “os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias” (Isaías 40:31).

Na vida cristã não basta passar por bons. Precisamos de renovação interior e de comunhão com Deus, para podermos resistir a todo o mal e prosseguir vitoriosos na peregrinação da fé. “Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia” (II Coríntios 4:16). □

—ACÁCIO PEREIRA

LEITURAS BÍBLICAS

- 1 Êxodo 14—17
- 2 Êxodo 18—20
- 3 Êxodo 21—24
- 4 Êxodo 25—27
- 5 Êxodo 28—31
- 6 Êxodo 32—34
- 7 Êxodo 35—37
- 8 Êxodo 38—40
- 9 Levítico 1—4
- 10 Levítico 5—7
- 11 Levítico 8—10
- 12 Levítico 11—13
- 13 Levítico 14—16
- 14 Levítico 17—19
- 15 Levítico 20—23
- 16 Levítico 24—27
- 17 Números 1—3
- 18 Números 4—6
- 19 Números 7—10
- 20 Números 11—14
- 21 Números 15—17
- 22 Números 18—20
- 23 Números 21—24
- 24 Números 25—27
- 25 Números 28—30
- 26 Números 31—33
- 27 Números 34—36
- 28 Deuteronómio 1—3

VERSÍCULO BÍBLICO

“Esta pedra que tenho posto por coluna será casa de Deus; e de tudo que me deres, certamente te darei o dízimo”

— Gênesis 28:22.

O TESTE DA ABUNDÂNCIA

“Para que quando comeres e fores farto louves ao Senhor teu Deus pela excelente terra que te deu”.

—Deuteronómio 8:1-10

A abundância é um teste muito mais pertinente e significativo do que a necessidade ou carência. E porquê? Porque viver em fartura é meio caminho andado para a preguiça decadente e para o esquecimento. No caminho estreito e pedregoso há homens que combatem os perigos mais terríveis, que fazem frente aos próprios anjos exterminadores; mas, quando repousam em campos encantados e paradisíacos, “escorregam”, deslizam suave e involuntariamente para uma dimensão de indiferença. Quantas vezes não se senta o homem à mesa, farta de manjares, sem uma simples acção de graças? A dor clama pelo auxílio divino mas a saúde triunfalista, o bem-estar que rebenta por todos os poros, levam o homem a caminhar arrogante, negligente, senhor de si.

É de facto na abundância, na fartura confortável e desmesurada que reside um dos mais terríveis perigos espirituais que nos espreitam: “Eis aqui qual foi a iniquidade de Sodoma tua irmã: a soberba, a fartura de pão e a abundância de ociosidade”(Ezequiel 16:49).

Somos, realmente, postos à prova nas épocas felizes e de distensão, nos instantes em que o sol brilha. Os grandes testes das nações surgem nas horas de riqueza e de prosperidade; prejudica mais, por vezes, o bom tempo do que a fúria dos elementos. Sim, a alma pode vacilar, mesmo nessa terra de “Beulah”, a terra habitada que Deus favorece e de que nos fala o profeta Isaías.

É por isso que jamais o acto de oração do crente deve cessar. Orar constantemente, antes que a doença ou a adversidade nos saiam ao caminho é um imperativo. Os contactos a estabelecer com a divindade não podem estar ausentes mesmo nos dias sem nuvens: é essa a ideia de David ao referir-se à “seta que voa de dia” que nos pode atingir (Salmo 91). Força e segurança eternas terão de ser procuradas; e isto mesmo na mais aparente tranquilidade, na pausa do ataque de forças adversas, na estrada calma e fácil de percorrer, na bela avenida de flores que em certos momentos é a nossa existência.

—JOHN H. JOWETT

ORE:

1. Pelas famílias Troutman e Monteiro, em preparação para o estabelecimento oficial da Igreja do Nazareno na República da Guiné-Bissau.
2. Pelas várias Repúblicas soviéticas em ajustamento após o golpe de Agosto de 1991, e pelos esforços de evangelização e distribuição da Palavra ora em curso.
3. Pelas escolas diárias patrocinadas pelas nossas igrejas, visando abarcar o ensino aos menos privilegiados. Interceda a Deus pelos nossos professores que com dedicação e sacrifício dão a milhares de crianças instrução básica.
4. Por fidelidade pessoal e do nosso povo em ofertar neste mês, através de Caixas de Alabastro, para missões mundiais.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Poderá o Inferno Ficar Vazio?

✓ **Porque “desceu Cristo ao inferno” e qual a Sua finalidade? Será concebível que condenados ao inferno tiveram uma segunda oportunidade de salvação? As passagens bíblicas de I Pedro 3:19 e 4:6 parecem indicar isso. Sendo assim, parece-me que o inferno teria ficado completamente vazio.**

As passagens que você cita são realmente complicadas. Distintos estudiosos da Bíblia têm procurado explicá-las. Do meu estudo de alguns desses eruditos concluí que quase nenhum crê ensinarem estes versículos que os condenados ao inferno tenham outra oportunidade de se arrependerem e salvarem. Eu desejaria que os versículos ensinassem tal doutrina — pois, como você diz, certamente o inferno em breve ficaria vazio.

Alguns escritores crêem que os espíritos maus a quem Jesus proclamou o Seu juízo são os anjos caídos, ou sua descendência, mencionados em Gênesis 6. Outros julgam que os “espíritos na prisão” eram pessoas pecadoras que pereceram no dilúvio de Noé. Uma interpretação mais plausível é que Pedro se refere aos espíritos maus com os quais Cristo teve de lutar durante o Seu ministério terreno. Aparentemente, tais espíritos maus já existiam no tempo de Noé.

Comentemos algumas coisas:

1. Nestas passagens não são mencionados “descer” nem “inferno”. Contudo “desceu ao inferno” encontra-se na forma mais popular do Credo Apostólico, embora a frase não venha desta passagem.

2. A palavra traduzida por *pregou* também significa “proclamou”. *Pregar* liga-se ao conceito de dar esperança, mas *proclamar* pode significar proclamação do juízo.

3. Notemos também que a palavra *prisão* pode ser traduzida por *refúgio*. Pedro podia estar a falar dum lugar, “as partes mais baixas da terra” (Efésios 4:9) ou das “cadeias da escuridão” (II Pedro 2:4), ou mesmo de outro lugar (não se trata aqui de ponto geográfico) onde espíritos maus se reúnem para tentar escapar à presença de Deus.

O ponto de vista de Pedro é que Cristo, o Vencedor da morte, do inferno e do túmulo, invadiu o reino dos demónios, o poder e os principados do mal, e proclamou o Seu julgamento. Em Cristo, grande triunfador do mal, de Satanás e de todos os seus súbditos, são vencidos para sempre os inimigos da raça humana. Pedro está a comunicar-nos que a soberania de Cristo é universal — que se estende até ao mundo dos espíritos e todos os seres. Lhe estão sujeitos. Os cristãos devíamos dar graças a Deus, diariamente, por Cristo se entropor entre nós e os demónios que buscam a nossa destruição.

Um Conflito Penoso

✓ **Eu sou mãe solteira com dois filhos e preciso trabalhar e prover o necessário para a minha família. Às vezes tenho de trabalhar no domingo. Entretanto, o meu pastor diz-me com frequência que trabalhar no domingo é contra a doutrina nazarena e que devia deixar o trabalho para poder assistir à igreja. Sinto-me rejeitada por ele. Que posso fazer?**

É desejo de todos os crentes nascidos de novo assistir à igreja regularmente e reservar o domingo para adoração e descanso. Mas vivemos num mundo abaixo do ideal. A sua situação de trabalho é disso exemplo flagrante. Estou certo que você tem orado sobre este assunto e procurado uma ocupação mais aceitável.

Eu não posso recomendar-lhe que deixe impulsivamente o emprego. Talvez você devesse marcar um encontro com o seu pastor para lhe falar abertamente sobre o assunto. Se ele a está a fazer sofrer tão profundamente, tem o direito de sabê-lo. É possível que ele fique completamente surpreendido com a forma como você interpretou as suas observações.

Fale com o seu pastor directamente. Se ele continuar indiferente, talvez você lhe devesse apresentar este desafio: “Se o pastor deseja parar de trabalhar no domingo, farei o mesmo”. □

ALABASTRO

Durante dois mil anos, a história tem sido contada vez após vez. Jesus disse: "Onde quer que este Evangelho for pregado, em todo o mundo, também será referido o que ela fez" (Mateus 26:13). Esta é a história original de alabastro, da dádiva extravagante de Maria. Num pequeno vaso de alabastro havia quase meio litro de perfume precioso de nardo extraído da raiz duma planta rara oriunda da Índia. Não interessava que o custo fosse equivalente a onze meses de salário. Era para Jesus. A história é contada para memória da ofertante.

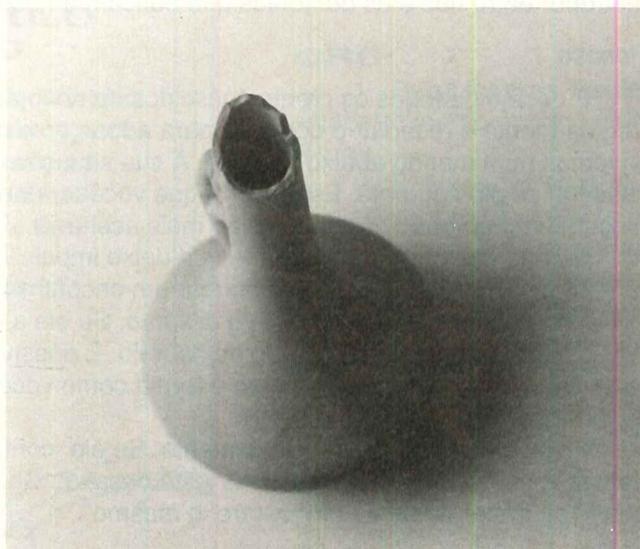
As nossas ofertas de amor para Alabastro são transformadas em prédios e terrenos onde se realiza a obra do Reino. Cada moeda recebida através das Caixas de Alabastro é usada para este propósito.

Alabastro não "fornece tudo". A congregação que recebe fundos de alabastro é estimulada a prover material, dinheiro e/ou mão-de-obra para o seu templo. Em muitos casos, os fundos de alabastro compram terreno para projectos de Trabalho e Testemunho.

A importância da Oferta de Alabastro não pode ser exagerada quando compreendemos que foram recebidos em ofertas no ano passado cerca de dois milhões de dólares. Mas tenhamos também presente que ainda estão à espera pedidos urgentes para edifícios e terreno, no montante de seis milhões de dólares.

Ore, depois faça planos. Publique com antecedência de semanas a data para a Oferta de Alabastro, no boletim da igreja ou outros veículos de informação. Apresente pequenas notícias, usando nomes de pessoas e lugares envolvidos em investimento dos fundos de alabastro. Faça breves anúncios nos cultos. Organize uma exposição atraente e em local apropriado para esta ênfase. Talvez tenha uma oferta em que os participantes marcham a "estilo de Bresee". O seu entusiasmo será contagioso.

ALABASTRO
— uma Dádiva de Amor, uma Oferta de Gratidão. □
—ESTHER REYNOLDS



III ASSEMBLEIA DO DISTRITO PAULISTANO

Sob o tema: "PARA QUE O MUNDO CONHEÇA — IDE", a III Assembleia do Distrito Paulistano reuniu-se no dia 1 de Fevereiro de 1991, sendo anfitriã a Igreja de Vila Guiomar, em Santo André, Brasil.

A ocasião, marcada pelas Convenções de Escola Dominical, Juventude e SNMM, ofereceu momentos de inspiração e desafio.

A Assembleia foi honrada com a presença do Superintendente Geral, Dr. Eugene Stowe, que presidiu a mesma, formando a mesa com o Rev. Stephen Heap — director da Missão, Rev. Mike Step — director do programa Impacto às Cidades, Dr. Louie Bustle, director regional de América do Sul, Rev. Adalberto Leite — superintendente do Distrito e a senhorita Sandra Almeida — secretária do Distrito.

O ponto alto foi marcado pela apresentação do relatório do superintendente distrital, Rev. Adalberto Leite, através do qual nos foi dado saber que, pela graça de Deus e pelo zelo, consagração e contribuição dos Obreiros do Distrito, podemos contar agora com:

30 Igrejas organizadas
36 Igrejas tipo missões
98 células de oração e estudo bíblico

1.110 membros

26 membros associados.

Pelo seu zelo e inestimável contribuição ao nosso distrito, foi homenageado o Rev. Bruno Radi, coordenador do programa Impacto à Cidade de S. Paulo.

Foram também homenageadas por terem recebido o maior número de membros as Igrejas de Guarulhos, Campo Limpo Paulista e Vila Guiomar.

O irmão José Sauter Filho foi reconhecido pelo trabalho de construções no distrito.



Abençoaram-nos os relatórios dos Pastores e das várias comissões e constatámos que temos grandes motivos para louvar ao Senhor da Seara.

Um dos momentos mais importantes foi o do Culto de Ordenação dos pastores Luciano Gandini, António Rodrigues, Bento Claro António, Sérgio Scarpiello e Luciano Wanderley que, acompanhados das respectivas esposas, declararam o seu compromisso com Deus e com o povo.

À noite, no culto de "Celebração ao Senhor", participamos de acontecimento inspirador: o desafio pelo Rev. Bruno Radi, da Campanha "Cada um Ganha Um". Apelou que cada filho do Senhor da Seara aceite um compromisso sério com Deus e Seu Reino. Milhões de almas se perdem diariamente. Porém, a alegria de ver mais igrejas nesta Assembleia nos anima a prosseguir sentindo toda a força da promessa divina: "Aquele que sai chorando, levando a semente

para semear, voltará com cânticos de júbilo trazendo consigo os seus molhos" (Salmo 126:6).

Várias igrejas receberam menção honrosa por terem crescido durante o ano.

As mensagens que escutámos nos enriqueceram, mas a última mensagem do Dr. Stowe, baseada em Josué 6 soa ainda: "Continuem marchando. Toquem as cornetas, gritem todos à uma e as muralhas cairão. Ele vai dar-nos a Cidade".

Embora em dois anos o Distrito tenha crescido de 5 para 30 igrejas e já tenha alcançado 1.000 membros, o trabalho não pára aqui. E a razão é simples: Todas as muralhas ainda não caíram. Estamos apenas no início. As nossas trombetas precisam soar mais alto.

Fechou a nossa Assembleia o hino "Os guerreiros se preparam". Estás preparado, irmão?

—RENE FERNANDES RAMOS, cronista

Mesa da presidência da III Assembleia Distrital de S. Paulo (Da esq. p. a dir.) Srta. Sandra Almeida, secretária, Rev. Stephen Heap, director da Missão, Dr. Eugene Stowe, superintendente geral, Dr. Louie E. Bustle, director regional, Rev. Adalberto Leite, superintendente do Distrito, Rev. Mike Step, director do programa Impacto às Cidades.

Cerimónia de ordenação de novos presbíteros (Revs. Luciano Gandini, António Rodrigues, Bento Claro António, Sérgio Scarpiello e Luciano Wanderley).

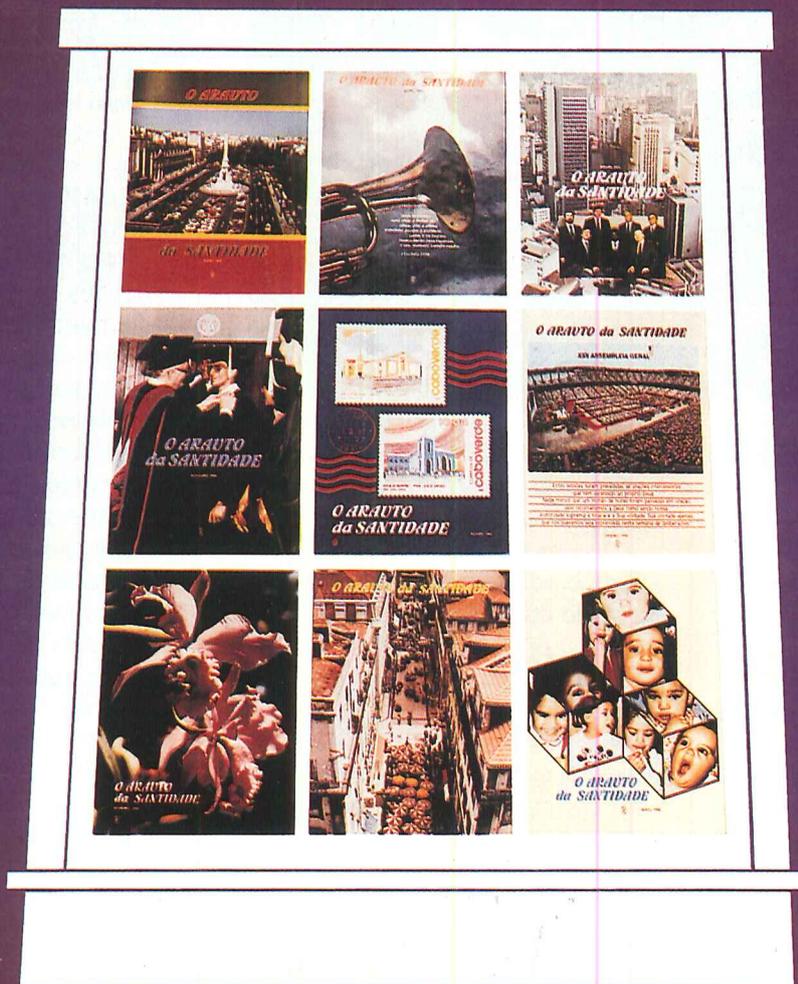
A PALAVRA DA PAZ E A REVOLUÇÃO SOVIÉTICA

Pelo menos 6.000 soldados soviéticos receberam Novos Testamentos durante a tentativa de golpe que sacudiu a URSS. O pessoal da Sociedade Bíblica e voluntários movimentaram-se pela Praça Vermelha e junto ao Parlamento da Rússia, indo de soldado a soldado, de tanque a tanque. Ofereciam um exemplar das Escrituras aos militares, rogando-lhes que lessem a mensagem de Deus e também que não abrissem fogo contra seus próprios irmãos.

A atmosfera, tensa e carregada, podia explodir a qualquer momento em rios de sangue. "Eles levaram a Palavra de Deus numa hora crítica", disse Anatoly Rudenko, director da Sociedade Bíblica da União Soviética.

"Que a sementeira da Palavra no palco da revolução histórica dê frutos para glória de Deus e felicidade do povo soviético", urge-se o povo de Deus a orar. □

*Em cada lar
uma janela para a vida...*



O ARAUTO DA SANTIDADE

SERVIÇOS DE MORDOMIA—IGREJA DO NAZARENO


PSTP8802